

**A homossexualidade  
e as Representações Sociais:**  
uma revisão de literatura

*The homosexuality  
and the Social Representations:  
a literature review*

**Otávio Calile**

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,  
do Trabalho e das Organizações do Departamento de Psicologia Social  
e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília  
otavio.calile@gmail.com*

01

## Resumo

A Teoria das Representações Sociais (RS) constitui-se como um campo de saber do senso comum, cuja finalidade é instrumentalizar os grupos sociais para lidar com objetos não familiares. Partindo da premissa de que as questões que envolvem a homossexualidade ainda causam estranhamento em contextos sociais diversos, nosso principal objetivo, então, foi empreender uma revisão de literatura acerca de estudos que se dispuseram a entender essas questões sob o ponto de vista da articulação entre homossexualidade e RS. Para isso, empreendemos uma revisão sistemática focada nas publicações em periódicos nacionais e internacionais, entre 2004 e 2019, nas bases de dados do SciELO - *Scientific Eletronic Library*, ProQUEST e do Portal de Periódicos da CAPES, utilizando-se as palavras-chave: sexualidade, representações sociais; *sexuality and social representations*. Foram encontrados 19 (dezenove) artigos que abordam especificamente a temática da homossexualidade segundo a RS. A categorização dos trabalhos foi feita levando-se em consideração a temática das representações dessas pesquisas, a saber: a) RS sobre a adoção homoparental (3 estudos); b) RS e a homofobia (11 estudos); c) RS e homossexualidade no contexto educacional (5 estudos). Os resultados dessas categorias são discutidos e apontam a necessidade de novos estudos que abordem o pensamento social da homossexualidade em contextos sociais diferentes.

**Palavras-chave:** Sexualidade; representações sociais; revisão de literatura.

## Abstract

The Theory of Social Representations (TSR) constitutes a field of common-sense knowledge, whose purpose is to instrumentalize social groups to deal with non-familiar objects. Based on the premise that the issues surrounding homosexuality still cause estrangement in diverse social contexts, our main objective then was to undertake a literature review about studies that were willing to understand these issues from the point of view of the articulation between homosexuality and RS. For this, we undertook a systematic review focusing on publications in national and international journals, between 2004 and 2019, in the databases of SciELO - Scientific Electronic Library, Proquest and CAPES Portal of Periodicals, using the keywords: sexuality, social representations; sexuality and social representations. Nineteen articles were found. The results could be grouped in three categories of studies: a) homoafetividade and the constitution of families; b) analysis of prejudice by the RS; c) sexuality and gender in educational contexts. The results of these categories are discussed and point out the need for new studies that address the social thought of homosexuality in different social contexts.

**Keywords:** Sexuality; social representations; literature review.

A Teoria das Representações Sociais (RS) constitui-se como um campo de saber do senso comum, cuja finalidade é instrumentalizar os grupos sociais para lidar com objetos não familiares. Na condição de teoria do conhecimento social, criada por Serge Moscovici em 1961, a RS propõe-se a apresentar e discutir o processo pelo qual o conhecimento do senso comum é estruturado num contexto social específico (MOSCOVICI, 2012). Assim, as representações sociais – RS situam-se na interface do psicológico e do social, sob a forma de conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente que contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo (SÁ, 1991).

Criamos RS para ajustar o mundo social que nos cerca e nos organizarmos coerentemente nele, atribuindo familiaridade a objetos, pessoas e situações desconhecidas, que causam estranheza em determinados grupos sociais, pois *“precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que se apresentam”* (JODELET, 2001, p. 17). Para ela, *“representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento ao qual um sujeito se reporta a um objeto”* (JODELET, 2001, p. 22).

Nesse sentido, a RS apresenta-se como um importante instrumento teórico-metodológico para a pesquisa no campo do homossexualidade a partir da categoria do gênero (GÓIS, 2000). Sobre esse aspecto, entendemos que o binarismo social de gênero (SWAIN, 2001; LAQUEUR, 1996) refere-se à naturalização social das pessoas em duas categorias rígidas e tidas como diametralmente distintas: aos homens remetem-se a força física, racionalidade e objetividade, sendo tais faculdades consideradas inerentes à essência masculina; ao passo que feminilidade, cuidados maternos e instintos naturais são tendências tipicamente associadas às mulheres (GROSSI, 2004; LOURO, 2011; FÁVERO, 2010; GALINKIN, BERTONI, 2014). As decorrências dessa naturalização podem ser percebidas em várias dimensões, como, por exemplo: a heteronormatividade como padrão social hegemônico e a consequente justificação de práticas preconceituosas e discriminatórias

contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) (LOURO, 2011; JESUS, 2013; BUTLER, 2014).

Nesse sentido, em que medida a Teoria das Representações Sociais (RS) tem contribuído para o desvelamento de significados e conhecimentos do senso comum a respeito das questões relativas à homossexualidade? A partir da ideia de que as RS dão sustento às práticas em torno dessas questões, o principal objetivo desse trabalho foi empreender uma revisão sistemática de literatura acerca de estudos que se dispuseram a entender as questões referentes à temática da homossexualidade fundamentadas nas RS.

Sob à perspectiva da RS, a estranheza acerca da homossexualidade reside no caráter de ameaça de se perder as referências, a continuidade, a compreensão mútua em um determinado grupo social. *“O que é anônimo, o que não pode ser nomeado [...], é relegado ao mundo da confusão, incerteza, inarticulação, mesmo quando nós somos capazes de classificá-lo aproximadamente como normal ou anormal”* (MOSCOVICI, 2015, P. 66). Esse aspecto de não familiaridade e suas implicações sociais – como a homofobia – , constitui-se como um importante objeto de estudo na Psicologia Social, uma vez que envolve uma intrincada trama de concepções, valores e representações que sustentam as práticas de todas as pessoas numa sociedade.

No que diz respeito à importância desse tipo de produção para as ciências sociais, Barros (2015) revela que são incipientes os estudos sobre as representações relacionadas à homofobia no Brasil. As investigações científicas focadas no público homossexual não possuem o devido reconhecimento nos periódicos brasileiros, sendo, ainda, um grande tabu nas principais revistas científicas (GARCIA, SOUZA, 2010; BARROS, 2015). Na sua pesquisa, BARROS (2015) destaca que nenhum dos trabalhos pesquisados sobre o tema no Portal de Periódicos da Capes apresentou estudos sobre o papel das representações sociais no preconceito e no apoio que as pessoas dão a políticas discriminatórias contra homossexuais. Os estudos de gênero podem problematizar esses limites para incorporar ausências na teoria social canônica que, histo-

ricamente, não atentou suficientemente para o papel da sexualidade e do gênero na vida social, mantendo-os fora de seu espectro de análise (GÓIS, 2000).

## Método

Para esta pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática focada nas publicações em periódicos nacionais e internacionais, entre 2004 e 2019, nas bases de dados do SciELO - *Scientific Eletronic Library*, ProQUEST, Pepsic – Periódicos em Psicologia e do Portal de Periódicos da CAPES, utilizando-se as palavras-chave: gênero, sexualidade, representações sociais; *gender, sexuality, social representations*.

## Resultados e discussão

Foram encontrados 19 (dezenove) artigos que abordam especificamente a temática da homossexualidade segundo a RS. A categorização dos trabalhos foi feita levando-se em consideração a temática das representações dessas pesquisas, a saber: a) RS sobre a adoção homoparental (3 estudos); b) as RS e a homofobia (11 estudos); c) RS e homossexualidade no contexto educacional (5 estudos).

Nessa seção, apresentamos em cada uma das três categorias os objetivos e os principais resultados das pesquisas encontradas, assim como a discussão sintética dos resultados desses artigos.

### *RS sobre a adoção homoparental*

A primeira categoria concentra os artigos que se propuseram a estudar as RS sobre homossexualidade no contexto da constituição de famílias. No Brasil, o Supremo Tribunal Federal – STF decidiu em 2015 em favor do direito de adoção por um casal homossexual (SANTOS, ARAÚJO, NEGREIROS, CERQUEIRA-SANTOS, 2018) na esteira do crescimento das famílias homoparentais nos últimos anos (MURPHY,

2013, DELACRUZ, UZIEL, 2014) e nos efeitos da visibilidade social desses novos laços (CECÍLIO, SCORSOLINI-COMIN, SANTOS, 2013). Pesquisas recentes mostram que há representações favoráveis à adoção por famílias compostas por casais homoparentais, haja vista que a ênfase desses posicionamentos situam-se na ideia de bem-estar da criança que possuirá um lar (SANTOS, ARAÚJO, NEGREIROS, CERQUEIRA-SANTOS, 2018). Além disso, muitas pessoas consideram essa adoção uma solução viável em comparação aos abrigos (SILVA, UZIEL, 2011).

Entretanto, cabe ressaltar que as atitudes diante da adoção mostram-se positivas na medida em que as pessoas entendem que há um lar tido como favorável ao desenvolvimento da criança adotada (FREIRES, 2015). Essa preocupação com o ambiente doméstico da criança pode denotar preconceitos acerca da influência dos pais homossexuais sobre sua sexualidade (SANTOS, ARAÚJO, NEGREIROS, CERQUEIRA-SANTOS, 2018, PATTERSON, 2006).

Pereira, Torres e Pereira (2013), fundamentados na análise quantitativa nos estudos de RS (Almeida, 2009), desenvolveram escalas de medição do preconceito contra o casamento homoafetivo e a adoção de filhos por casais homossexuais para serem respondidas por estudantes universitários de psicologia, serviço social e direito. Seus resultados mostraram que as RS que fundamentam as crenças acerca de modelos de família compostas por casais homossexuais estão ancoradas num essencialismo psicológico (JEOLÁS, PAULILO, 2008; PEREIRA, VALA, LEYENS, 2009) e de base religiosa, que julga essas famílias como afastadas da tradição judaico-cristã. Além disso, nota-se uma representação médico-científica da homossexualidade ancorada em distúrbios genéticos e biológicos (KELLER, 2005, HAIDER-MARKEL, JOSLYN, 2008). Sobre essa questão, Jeolás e Paulilo (2008) refletem que:

A perspectiva construtivista tem o mérito de ter transformado o pensamento da ciência social sobre sexualidade humana e desafiado diretamente a abordagem essencialista da homossexualidade

que, segundo ele, prevalecia nas ciências sociais. Esta abordagem via na homossexualidade uma inversão de gênero, resultado de algum fator biológico ou pulsional, inerente ao homossexual. Inversamente, o construtivismo interpreta a homossexualidade como uma categoria conceitual que varia entre culturas e contextos históricos (JEOLÁS & PAULILO, 2008, P. 272).

O processo de ancoragem se organiza, nesses contextos, por meio desses dois universos reificados (MOSCOVICI, 2012; 2015), a ciência e a religião. Nesse processo, as famílias compostas por pessoas do mesmo sexo deixariam de ser categorizadas no modelo tradicional, que pressupõe procriação e transmissão de bens, reinventando limites e características e suscitando, por essas razões, as crises que fomentam a formação de RS (MELLO, 2005; ARAÚJO, OLIVEIRA, SOUSA, CASTANHA, 2007). Dessa forma, o senso comum tem a ciência como ponto de partida, porém segue uma lógica diferente dela (MOSCOVICI, 2012). Por exemplo, os preconceitos permanecem sobre famílias adotadas por casais homossexuais, ainda que haja diversas evidências empíricas de que não há diferenças significativas com a relação ao desenvolvimento psicológico de crianças criadas por pessoas heterossexuais e homossexuais (BAILEY, DOBROW, WOLFE, MIKACK, 1995; DIAS, 2004; GOLOMBOK, TASKER, 1996; FIGUEIRÊDO, 2014; ZAMBRANO, 2006; PEREIRA, TORRES, PEREIRA, 2013).

Tais preconceitos emergem também entre aqueles que produzem e partilham conhecimentos reificados pela ciência, utilizando o conhecimento científico como base para as RS, conforme aponta Moscovici (2015). Assim, destacamos nessa categoria o trabalho de Araújo, Oliveira, Costa e Castanha (2007) pesquisaram as RS de estudantes do último semestre dos cursos de psicologia e direito sobre a adoção de filhos por casais homoafetivos. Esses dois campos científicos são cruciais para a compreensão pela sociedade dos fenômenos de transformação das instituições sociais, das crenças partilhadas socialmente e da garantia de direitos e políticas públicas aos grupos minoritários (ALMEIDA, 2010).



Os resultados obtidos permitiram concluir que não houve diferenças significativas no que tange às atitudes de ambos os grupos pesquisados: ambos foram majoritariamente contrários à adoção por casais homossexuais (ARAÚJO, OLIVEIRA, COSTA, CASTANHA, 2007). Os universitários ancoraram suas representações por meio das possíveis consequências da adoção: *“risco de a criança seguir a mesma orientação sexual do adotante; da ausência do referencial materno/paterno, e de ser alvo de preconceito nas relações interpessoais”* (ARAÚJO, OLIVEIRA, COSTA, CASTANHA, 2007, p. 101).

Os estudantes dessa pesquisa, via de regra, destacaram as consequências psicossociais para as crianças, trazendo à tona o receio de que pudessem ser alvos de discriminação por conta da configuração de suas famílias. As representações foram associadas a termos ancorados em suas áreas de atuação, como *anormal, escolhas errôneas e desvio moral* (TORRES & FALCÃO, 2005). Os universitários ancoraram seus próprios preconceitos nas suas identificações acadêmicas e profissionais, como, por exemplo, na *“elucidação de consequências da adoção pautadas no surgimento de distúrbios psicológicos e desvios de conduta”* (ARAÚJO, OLIVEIRA, COSTA, CASTANHA, 2007, p. 101; PEREIRA, VALA, LEYENS, 2009), além de destacarem, em ambos os grupos, o risco de a criança seguir a mesma orientação sexual dos pais (FIGUEIRÊDO, 2014). Os autores concluem seu trabalho com um questionamento perturbador: *“Como será pautado o compromisso social e ético destes futuros psicólogos e juristas na sua prática profissional frente a esta problemática biopsicossocial?”* (ARAÚJO, OLIVEIRA, COSTA, CASTANHA, 2007, p. 101).

Tabela 1 - *RS sobre a adoção homoparental (2004-2019).*

Referências	Objetivos	Síntese dos resultados
Pereira, Torres, Pereira (2013)	Analisar as relações entre preconceito, apoio a políticas discriminatórias contra homossexuais e RS sobre a natureza da homossexualidade.	As crenças baseadas em crenças religiosas, moralistas e psicológicas predizem o maior apoio às políticas discriminatórias; a crença na natureza cultural da homossexualidade prediz o menor apoio a essas políticas; as relações verificadas são mediadas pelo preconceito flagrante contra homossexuais.
Araújo, Oliveira, Sousa, Castanha (2007)	Analisar e comparar as RS de estudantes em fase final do curso de psicologia e de direito acerca da adoção de crianças por casais homossexuais.	No que diz respeito às consequências para a criança emergiram conteúdos tais como: influência na orientação sexual, preconceito e ausência de referencial materno/paterno; os universitários de Psicologia mencionaram que tal fato poderia desenvolver distúrbios psicológicos, ao passo que os universitários de Direito ancoraram suas RS nos problemas morais.
Santos, Araújo, Negreiros, Cerqueira-Santos (2018)	Identificar as RS da adoção por casais homoafetivos na realidade brasileira.	Os resultados apontaram representações sociais positivas, sempre visando o melhor para o adotando como justificativa, por outro lado posicionamentos desfavoráveis encontrados refletem o receio da criança não conseguir lidar com o modelo familiar.

## *RS e homofobia*

Na segunda categoria, organizamos e discutimos as investigações que se dispuseram a analisar os fundamentos da homofobia a partir das RS de grupos específicos. Entre as várias temáticas de pesquisas que visam analisar o fenômeno psicossocial do preconceito, a homofobia é a categoria menos estudada e debatida no meio científico (MARTINS-SILVA, SOUZA, JÚNIOR, NASCIMENTO E NETO, 2012; JESUS, 2013; BARROS, 2015).

Dessa categoria, destacamos a pesquisa de Pereira, Torres e Pereira (2011) que, ao analisarem os processos grupais subjacentes à gênese do preconceito, apontam que as RS sobre a natureza dos grupos sociais são fatores fundamentais para a compreensão do preconceito, ainda que essa

abordagem tenha sido pouco estudada no âmbito da RS. Além disso, os autores mostram, com base em estudos anteriores, os cinco princípios organizadores das RS sobre a natureza da homossexualidade: crenças religiosas; ético-moral; psicológica; biológica e psicossocial, que explicariam as suas origens, fundamentando, assim, as atitudes das pessoas com relação aos membros do exogrupo (LACERDA, PEREIRA, CAMINO, 2002; PEREIRA, TORRES, PEREIRA, 2013). Do mesmo modo:

A pertença social dos indivíduos ancora as suas representações e o preconceito contra os homossexuais. Por exemplo, os estudantes de engenharia civil foram mais preconceituosos flagrantes, representando a homossexualidade com base em crenças ético-morais e religiosas. Os estudantes de medicina expressaram maior preconceito sutil e recorreram mais a crenças biológicas sobre a homossexualidade. Estudantes de psicologia aparecem de forma mais frequente no grupo dos não-preconceituosos, adotando crenças sobre a natureza psicossocial da homossexualidade (PEREIRA, TORRES, PEREIRA, 2011, p. 75).

Esses resultados articulam-se com a pesquisa de Scardua e Filho (2006), cuja análise de conteúdo revelou que as RS dos estudantes universitários participantes classificaram-se nas seguintes categorias de análise: causalidades, reconhecimento social, normatização e discriminação e preconceitos sofridos. Dois importantes aspectos são ressaltados na discussão pelos autores: a) a relação entre teorias sobre gênero e estudos sobre homossexualidade poderia ser melhor explorada para auxiliar a compreensão deste processo (GÓIS, 2000); b) há uma prevalência pela dimensão heteronormativa no que concerne aos papéis de gênero nos estudos sobre a homossexualidade, conforme pode ser observado nos resultados expostos na Tabela 2.

Koehler (2009) estudou as RS sobre homofobia partilhada pelos moradores de um município do interior de São Paulo. Os estudos longitudinais empreendidos permitiram concluir que a violência de gênero,

como a homofobia, estão intimamente relacionadas às construções sociais sobre o masculino e o feminino. Para evitar a discriminação sob à forma de violência, muitos homossexuais precisam esconder sua condição, mesmo de pessoas próximas, como a família e colegas de escola (PRADO, MACHADO, 2008; SELL, 2006).

Resultados, como esse, são condizentes com a pesquisa de Rabelo (2013), que, por meio de entrevistas em profundidade com 11 homossexuais, conclui que essa estratégia de ocultamento tem como resultados um constante hipervigilância dos gestos, expressões e até mesmo dos pensamentos nas relações cotidianas. Duas diferenciações acentuadas com bases em processos intergrupais foram encontradas nesse estudo: homossexuais *versus* heterossexuais e discretos *versus* afeminados. Além disso, os entrevistados relataram frieza nas relações pessoais, a dificuldade em se estabelecer relacionamentos duradouros, o afastamento físico e emocional dos membros familiares e altos níveis de exigência no que diz respeito ao desempenho profissional e intelectual como estratégias de compensação (RABELO, 2013). Esses processos provocam o medo de ser identificado com o grupo afeminado (CONNEL, MESSERSCHIMIDT, 2013), o qual tem sido nomeado como “homofobia interiorizada” (BORRILLO, 2010), isto é, “*a discriminação de um determinado (sub)grupo através dos mesmos critérios utilizados para a exclusão do próprio grupo mais extenso*” (RABELO, 2013, p. 138).

Sobre RS e homofobia nas organizações, Barros (2015) destaca que os homossexuais ainda encontram várias dificuldades no ambiente organizacional, como falta de ascensão profissional decorrente da homofobia, além do não reconhecimento de seus esforços e ameaças de desempregos. Assim, muitos homossexuais escondem sua orientação sexual, com o receio de que a manifestação de sua identidade de gênero os coloque numa posição de preconceito e discriminação (ZAULI-FELLOWS, 2012). Para a autora, “*a homofobia institucional se expressa em situações e ocorrências de preconceito e discriminação no cerne das instituições - escola, trabalho, Estado.*” (BARROS, 2015, p. 55), pois ainda persistem representações que dão sustento à intolerância e

a desqualificação de minorias, levando pessoas ao sofrimento psíquico e exclusão dentro das instituições (GALINKIN, BERTONI, 2014).

Tabela 2 - *RS e análise da homofobia (2004-2019).*

Referências	Objetivos e objetos	Síntese dos resultados
Pereira, Torres, Pereira (2011)	Analisar as relações entre o preconceito contra os homossexuais e as RS sobre a homossexualidade.	Os resultados indicam duas formas de expressão do preconceito: sutil e flagrante; a hipótese de que as representações sociais sobre a natureza dos grupos minoritários estão na base do preconceito e da discriminação é corroborada.
Scardua e Filho (2006)	Estudar as RS da homossexualidade entre estudantes universitários, segundo orientação sexual e sexo.	Os homens homossexuais, procuraram justificar/legitimar publicamente (direitos, liberdade) a homossexualidade com a representação de que ela é incontrolável/natural, enquanto as mulheres homossexuais preferiram construir e aperfeiçoar contratos de interação no plano interpessoal (família, namoro) para obter reconhecimento social.
Koehler (2009)	Investigar a RS em relação ao fenômeno da homofobia da comunidade de Lorena/SP.	O termo “lésbica”, ou a referência sobre a homossexualidade feminina não apareceu para que se configurasse em categoria. A homossexualidade feminina aparece na categoria “homossexual” enquanto definição geral.
Rabelo e Nascimento (2013)	Compreender a vivência de homens homoafetivos com relação ao preconceito e à discriminação.	Os entrevistados negociam suas referências identitárias a partir da vivência cotidiana de sua homoafetividade e das expectativas sociais relacionadas a padrões mais tradicionais de masculinidade.
Bueti, Matinello, Moreau, Lapointe -Harris, Ladouceur (2016).	Explorar as RS de homossexualidade masculina por homens gays.	Cinco categorias de RS de homossexualidade masculina: normalidade, exibicionismo, desvio, vulnerabilidade e sexualização. Os homens gays que se representam como “normais” atribuem aos exibicionistas a causa do preconceito social.
Charles (2011)	Desconstruir RS de homossexualidade na Jamaica.	O preconceito ocorre a partir da interação de várias instituições culturais distintas.

Daniel, Crabtree (2014)	Explorar as correlações entre valores humanos básicos e as RS sobre homossexualidade.	Os valores de diferenciação e a variabilidade da importância entre os contextos foi mais alta entre homens gays que em heterossexuais.
Falcão, 2011	Analisar as relações entre o preconceito contra os homossexuais e as representações sociais sobre a homossexualidade	Os resultados indicam duas formas de expressão do preconceito: sutil e flagrante. O preconceito sutil está relacionado com a crença numa natureza biológica e psicossocial, ao passo que o preconceito flagrante está relacionado com a descrença na natureza biológica e psicossocial e com uma representação ético-moral.

### *RS e homossexualidade no contexto educacional*

Na terceira categoria são discutidos os estudos que investigaram a homossexualidade e as RS partilhadas no contexto educacional. A justificativa para uma pesquisa que busca identificar as representações sobre gênero e homossexualidade na instituição escolar já foi apontada por Galinkin & Bertoni (2014), que argumentam: *“diversas autoras [...] concordam que a escola tem desempenhado importante papel nas mudanças de valores e práticas sociais em relação a gênero”* (GALINKIN, BERTONI, 2014, P. 16), pois a promoção de igualdade entre as pessoas perpassa fundamentalmente por essa instituição.

Mesmo que algumas políticas públicas para a inclusão de pessoas LGBT tenham sido implementadas nos últimos anos, ainda persiste um nível demasiado de atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios contra essa população nos dois principais contextos de socialização dos jovens: a família e a escola (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004; PEREIRA, TORRES, PEREIRA, 2013, CASTRO, 2015).

Nesta categoria, destacamos o trabalho de Jeolás e Paulilo (2008), que revelou a dicotomia entre opção/condição e inato/adquirido predominaram nas RS de 67 professores da rede estadual de um município do sul do Brasil. As respostas dos participantes foram agrupadas nas seguintes categorias: representações sobre homossexualidade; atitudes e sentimentos em relação a amigos/as e a alunos/as; e atitudes e sentimentos associados a parentes e a filhos/as. As autoras ressaltam que “o

*primeiro passo para se superar um preconceito é exatamente reconhecê-lo e, posteriormente, admiti-lo de forma aberta. Somente depois destes passos, a pessoa consegue administrá-lo ou eliminá-lo*” (JEOLÁS, PAULILO, 2008, p. 275).

No entanto, os professores participantes dessa pesquisa afirmaram, majoritariamente, que não têm preconceitos e que não possuíam estudantes homossexuais em suas turmas. Os que disseram ter alunos/as homossexuais, utilizaram expressões, como *naturalidade, de maneira normal e tranquila*. Além disso, todos foram unânimes em dizer que seus alunos/as homossexuais eram vítimas de gozações, piadas e brincadeiras acerca de suas sexualidades: *“Uma professora disse que, quando trabalhava com educação infantil, teve que pedir ajuda à psicóloga, pois tinha um aluno que só queria brincar com bonecas e se maquiar”* (JEOLÁS, PAULILO, 2008, p. 277). Castro (2015) assevera:

Já instituições clássicas de socialização, como a família e a escola tendem a tentar a reprodução de padrões convencionais, reduzindo sexualidade a sexo/ procriação, ou a sexo/estatuto de moralidade, não considerando que juventude é tempo de busca, de afirmação do contrário, de rebelião, de explosão da libido, de muita adrenalina, de vontade de correr riscos, sendo complexa a equação entre proteção, vulnerabilizações e autonomia (CASTRO, 2015, p. 124).

A pesquisa de Ramires Neto (2006) revela o caso de uma professora que, jocosamente, perguntou a um aluno se seu nome era Fabiano ou Fabiana. Os colegas passaram a fazer brincadeiras pejorativas e a discriminar o aluno durante todo o ano escolar por conta de seu suposto desvio da heteronormatividade:

“Isso dá a dimensão da capacidade de interferência do educador nas relações escolares”. O exemplo é importante para pensarmos no quanto a linguagem está implicada na constituição dos

sujeitos, no poder que certas coisas adquirem ao serem ditas e como essas falas e esses discursos subjetivam. O referido fato nos obriga a refletir sobre como a escola pode produzir vulnerabilidades através da linguagem (KOEHKER, 2009, p. 593).

Uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio nas capitais brasileiras revelou o nível de preconceito que predomina nas escolas: um em cada quatro estudantes entrevistados afirmou que não gostaria de ter colegas homossexuais em suas turmas (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004). Essas representações decorrem em papéis tradicionais adequados e são fortemente sustentadas pela socialização familiar e pela escolarização (CASTRO, 2015). Um estudo mais recente mostrou que esse padrão atitudinal ainda se mantém, a despeito dos debates promovidos por campanhas midiáticas, governamentais e educacionais: “[...] *continuam, no Brasil de 2015, os jovens não hetero, ou não considerados como tal, enfrentando violências, inclusive no âmbito da família e da escola*” (CASTRO, 2015, p. 124). Num dado trecho das entrevistas, notamos a articulação manifesta entre representações de sexualidade ancoradas nas representações de gênero desses estudantes: “*Para o homem, quanto mais meninas ele ficar, melhor. O pai até pergunta se já fez ou não. Mas, a menina não pode; ela não pode porque muda tudo e pode até engravidar*” (*Jovem do sexo masculino*). Contraditoriamente, os resultados da pesquisa de Savin-Williams (2005) mostraram que os adolescentes apresentam uma tolerância maior e mais liberdade para se assumir com relação à homossexualidade.



Tabela 3- *RS e homossexualidade no contexto educacional (2004-2019).*

Referências	Objetivos e objetos	Síntese dos resultados
Neves, Sedala, Silva, Teixeira, Ferreira, Siva (2015)	Identificar e analisar as RS de professores sobre diversidade sexual.	Respeito e Liberdade são os elementos centrais; os intermediários foram: “Homossexualismo”, “Opção Sexual” e Preconceito; os de contrastes foram: Aceitação, Direitos Humanos, Família e Igualdade e os periféricos foram: Bissexual, Diferente, Heterossexual, Tipos de Atos Sexuais e Transexual.
Jeolás, Paulilo (2008)	Analisar as RS de professores sobre homossexualidade.	As categorias temáticas utilizadas foram o inato e o adquirido.
Sousa, Silva, Santos (2015)	Analisar as RS de educadores/as da educação básica acerca da homofobia na escola.	As RS dos/as docentes acerca da homofobia englobam uma variedade de pensamentos, crenças, ideias pré-estabelecidas e contradições.
Muñoz (2009)	Identificar as RS de estudantes de pedagogia sobre homossexualidade.	Os estudantes de pedagogia descrevem uma lógica simbólica, normativa e econômica para sustentar suas RS.
Porcino, Coelho, Oliveira (2018)	Apreender as RS dos graduandos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde .	Os elementos que estruturam o núcleo central não revelam diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, por parte dos graduandos.

## Considerações finais

A revisão sistemática relatada nesse trabalho mostrou a necessidade do empreendimento de pesquisas que abordem as temáticas LGBT sob o ponto de vista da RS. Os estudos sobre essas temáticas publicados nos últimos tempos ainda são incipientes e não representam a dimensão dessa problemática na sociedade. De acordo com os resultados dessa revisão, as categorias relevantes tratadas nessa pesquisa - como adoção homoparental, homofobia e a abordagem da homossexualidade no contexto educacional – ainda são pouco explorados no âmbito da Psicologia Social, apesar do potencial que a RS representa para esse campo.

As pesquisas da primeira categoria, focadas na adoção homoparental, revelam que persiste a ideia de que as crianças adotadas por casais homossexuais têm maior probabilidade de seguirem a mesma orientação sexual dos pais. É importante frisar que a noção de que os filhos poderiam assumir a mesma orientação homossexual dos pais foi representada de forma negativa, como se tal orientação devesse ser evitada. Além disso, pôde-se notar o pensamento de que uma criança adotada por famílias homoparentais não teriam os referenciais maternos e paternos baseados no binarismo hegemônico homem/mulher. Por outro lado, as pessoas tendem a equilibrar essas consequências com a ideia de que é melhor a criação de uma criança num lar que promova o desenvolvimento do que num orfanato, mantendo, dessa forma, a lógica negativa por meio de uma compensação.

Com relação às pesquisas acerca das RS e homofobia discutidas na segunda categoria, percebe-se que, ainda que haja uma diferenciação entre orientação sexual e gênero, a distinção entre essas duas formas não é tão marcada sob o ponto de vista da atitude de preconceito e da discriminação, haja vista que as expressões de gênero não hegemônicas e as orientações não heterossexuais são os principais alvos (PORCINO, COELHO, OLIVEIRA, 2018) Sobre isso, Costa, Bandeira e Nardi afirmam:

“Um homem homossexual ou heterossexual que apresenta atitudes e comportamentos ou se expressa de forma culturalmente considerada como feminina será alvo preferencial de preconceito, o mesmo ocorrendo com as mulheres quando se expressarem ou assumirem atitudes consideradas como masculinas” (COSTA, BANDEIRA, NARDI, 2013, p. 164).

Por fim, a categoria de pesquisas que analisam a homossexualidade no contexto educacional revela a intrincada produção de preconceitos nas relações no interior da escola. Os resultados dessas pesquisas apontam a necessidade de reflexão por parte de professores e alunos sobre a construção da homofobia por meio dos discursos escolares.

Portanto, os resultados encontrados nessa pesquisa mostram a relevância de novas pesquisas baseadas na RS em diferentes contextos e com grupos distintos, a fim de que seus resultados possam ser articulados e apresentem mais robustez para a fundamentação de propostas específicas, que contemplem o pensamento social produzido por grupos em sua mais diversas configurações. O entendimento da estrutura das RS possibilita a construção de políticas públicas que visam a atenuação do preconceito, tendo em vista que a teoria nos permite conhecer o modo pelo qual as pessoas lidam com fenômenos que consideram diferentes e que desestabilizam seus conhecimentos anteriormente estabelecidos.

## Referências

ALMEIDA, Miguel Vale. “A chave do armário. Homossexualidade. Casamento. Família”. Florianópolis: EdUFSC, 2010.

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. “Abordagem societal das representações sociais”. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009

ARAUJO, Ludgleydson Fernandes, OLIVEIRA, Josevânia da Silva Cruz de, SOUSA, Valdiléia Carvalho de, CASTANHA, Alessandra Ramos. “Adoção de crianças por casais homoafetivos: um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia”. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 95-102, Ago. 2007.

BAILEY, J. Michael, DOBROW, David, WOLFE, Marilyn, MIKACK, Sarah. “Sexual orientation of adult son of gays father”. *Developmental Psychology*, v. 31, n. 1. p. 124-129. Mar.1995.

BARROS, Lisly Teles. “Representações Sociais da Homossexualidade no Ambiente de Trabalho: Um estudo da Zona Muda”. *Dissertação de Mestrado*, Universidade de Nacional de Brasília, Brasília, 2015.

BORRILLO, Daniel. Homofobia. História e crítica de um conceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUETTI, David, MARTINELLO, Novella, MOREAU, Nicolas, Moreau, M., LAPOINTE-HARRIS, Tanya, LADOUCEUR, Patrick. “Social representations of male homosexuality and their consequences for gay men: an explorative inquiry within the Canadian context”. *Culture, society & masculinities*, Harriman, v. 8, n. 2, p. 155–173, Jan. 2016.

BUTLER, Judith. “Regulações de gênero”. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 42, p. 249-274. Jan. 2014.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CASTRO, Mary Garcia. “Juventude e Sexualidade, Brasil 2000-2015”. *Cadernos Adenauer*, São Paulo, v. 16, p. 121-140, 2015.

CECILIO, Mariana Silva; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. “Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro”. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 18, n. 3, p. 516-507, Set. 2013 .

CHARLES, Christopher. Representations of homosexuality in Jamaica. *Social and Economic Studies*, Mona, v. 60, n. 1, p. 3-29. Jan. 2011.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 282-241, Apr. 2013 .

COSTA, Angelo Brandelli; BANDEIRA, Denise Ruschel; NARDI, Henrique Caetano. “Avaliação do preconceito contra diversidade sexual

e de gênero: construção de um instrumento”. *Estud. psicol. (Campinas), Campinas*, v. 32, n. 2, p. 172-163, Jun. 2015.

COSTA, Angelo Brandelli; PERONI, Rodrigo; BANDEIRA, Denise; NARDI, Henrique. “Homophobia or Sexism? A Systematic Review of Prejudice against Nonheterosexual Orientation in Brazil”. *International Journal of Psychology*, v. 48 n. 5, p. 900-909, 2013.

COSTA, Vanuzia, FERNANDES, Sheyla Christine Santos. “O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais”. *Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte*, v. 24, n. 2, p. 391-401, 2012.

DANIEL, Ella, CABTREE, Maya. “Value differentiation and sexual orientation. *Papers on Social Representations*”, Aalborg, v. 23, p. 9.1- 9.22, Jan. 2014.

DELACRUZ, Antonia Alves De la, UZIEL, Ana Paula. “Transformações sociais e culturais da família: Considerações iniciais a partir de um caso”. *Revista Conexões Psi, Rio de Janeiro*, v. 2, n. 1, p. 57-83, Jan. 2014.

DIAS, Maria Berenice. *Conversando sobre homoafetividade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

FALCÃO, Luciene Campos. “Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, v. 27, n. 1, p. -73 82, Mar. 2011.

FÁVERO, Maria Helena. “Psicologia do gênero. Psicobiografia, Sociocultura e Transformações”. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FIGUEIRÊDO, Luiz Carlos de Barros. Adoção para homossexuais. Curitiba: Juruá, 2014.

FREIRES, Leogildo Alves. “Atitudes frente à homoparentalidade: uma explicação a partir de variáveis explícitas e implícitas”. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

GALINKIN, Ana Lúcia, BERTONI, Luci Mara. Gênero e educação: um caminho para a igualdade. Em Aberto, Brasília, v. 27, n. 92, p. 15-18. Jul. 2014.

GARCIA, Agnaldo; SOUZA, Eloisio Moulin de. Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 44, n. 6, p. 1353-1377, dez. 2010.

GOIS, João Bôsko Hora. “Olhos e ouvidos públicos para atos (quase) privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença”. Physis, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 75-99, Dec. 2000.

GOLOMBOK, Susan, TASKER, Fiona. “Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian familiars”. Developmental Psychology, Bowling Green, v. 32, p. 03-11. 1996.

GROSSI, Míriam Pillar. “A Revista Estudos Feministas faz 10 anos – Uma breve história do feminismo no Brasil”. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Florianópolis, v. 12, p. 211-222, 2004.

HAIDER-MARKEL, Donald. P., JOSLYN, Mark R. “Beliefs About the Origins of Homosexuality and Support for Gay Rights: An Empirical Test of Attribution Theory”. Public Opinion Quarterly, v. 72, n. 2, p. 291-310, Maio. 2008.

JEOLÁS, Sollberger Leila, SILVEIRA PAULILO, Maria Ângela. “Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas”. Revista Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 266-285, Jul. 2008.

JESUS, Jaqueline Gomes de. “O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência”. Psico-USF, Itatiba, v. 18, n. 3, p. 363-372, Set. 2013.

JODELET, Denise. “Representações Sociais: Um domínio em expansão”. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KELLER, J. In genes we trust: The biological component of psychological essentialism and its relationship to mechanisms of motivated social cognition. Journal of Personality and Social Psychology. Rockville Pike, v. 88, n. 4, p. 686-702. Abril. 2005.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. “A representação social da homofobia na cidade de Lorena/SP”. Diálogo Educacional. Revista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, PUCPR, Curitiba, v. 9, n. 28, set./dez. 2009.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. “Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais”. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 165-178, Jan. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MARTINS-SILVA, Priscila de Oliveira, SOUZA, Eloisio Moulin, JÚNIOR, Annor da Silva, NASCIMENTO, Danielly Bart, NETO, Rafael Rubens de Balbi. “Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social”. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 474-493, Maio. 2012.

MELLO, Luiz. “Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil”. Cadernos Pagu, Campinas, v. 24, n. 1, p. 197-225, Jan. 2005.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca, PADILHA, Maria Itayra. “Representações sociais do sexo e gênero entre pessoas trans”. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 70, n. 6, p. 1243-1235, Dez. 2017.

MOSCOVICI, Serge. A psicanálise, sua imagem e seu público. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MUÑOZ, Verónica Alejandra Lizana. “Representaciones sociales sobre heterosexualidad y homosexualidad de los/las estudiantes de pedagogia en los contextos de formacion docente inicial”. Estudios Pedagógicos, Valdivia, v. 34, n. 1, p. 117-138, Jan. 2009.

MURPHY, Dean. A. “The desire for parenthood: Gay men choosing to become parents through surrogacy”. Journal of Family Issues, v. 34, p. 1104-1124, Abril. 2013.

NEVES, André Luiz Machado das, Sadala, Klaudia Yared, SILVA, Iolete Ribeiro da, TEIXEIRA, Elizabeth, FERREIRA, Darlisom Sousa, SILVA, Fabiane Aguiar. “Representações sociais de professores sobre diversidade



sexual em uma escola paraense”. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 261-269, Maio. 2015.

PATTERSON, Charlotte. “Children of Lesbian and Gay Parents”. *Association for Psychological Science*, v. 15, n. 5, 2006.

PEREIRA, Cícero Roberto, TORRES, Ana Raquel Rosas, PEREIRA, Annelise. “Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos.”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 73-82, Março. 2011.

PEREIRA, Cicero Roberto, TORRES, Ana Raquel Rosas, PEREIRA, Annelise. “O papel de representações sociais sobre a natureza da homossexualidade na oposição ao casamento civil e à adoção por famílias homoafetivas”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília , v. 29, n. 1, p. 79-89, Março. 2013.

PEREIRA, Cicero, VALA, Jorge, LEYENS, Jacques Philippe. “From infra-humanization to discrimination: The mediation of symbolic threat needs egalitarian norms”. *Journal of Experimental Social Psychology*, Amsterdã, v. 45, n. 2, p. 336–344. Fev. 2009.

PORCINO, Carlos Alberto; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; OLIVEIRA, Jeane Freitas de. Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti. *Saúde Social.*, São Paulo , v. 27, n. 2, p. 494-481, Junho. 2018 .

PRADO, Marco Aurélio Máximo, MACHADO, Frederico Viana. “Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade”. São Paulo: Cortez, 2008.

RABELO, Aline Aparecida, NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso. “Vivência do preconceito e construção da identidade para homens

homoafetivos”. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 131-141, Jan. 2013.

RAMIRES NETO, L. “Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no ensino médio em São Paulo”. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SÁ, Celso Pereira. “A construção do projeto de pesquisa em representações sociais”. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SANTOS, José Victor De Oliveira, ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de; NEGREIROS, Fauston, CERQUEIRA-SANTOS, Elder.. Adoção de Crianças por Casais Homossexuais: As Representações Sociais. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto , v. 26, n. 1, p. 139-152, Mar. 2018 .

SAVIN-WILLIAMS, R. C. “The New Gay Teenager”. Cambridge, Ma.: Harvard University, 2005.

SCARDUA, Anderson, SOUZA FILHO, Edson Alves de. “O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 482-490, 2006.

SELL, Teresa Adada. “Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida”. Florianópolis: UFSC, 2006.

SILVA, Odacyr Roberth Moura da; MENANDRO, Maria Cristina Smith. “Como se produz um homossexual?: : a origem da homossexualidade na percepção de indivíduos que alegaram ter mudado de identidade sexual”. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte , v. 12, n. 1, p. 62-78, jun. 2019 .

SILVA, Daniele Andrade, UZIEL. Anna Paula. “Esta é uma casa de família! A homoparentalidade sob o olhar de duas diferentes gerações”. In Anais II Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, BA: Universidade do Estado da Bahia, Setebro. 2011.

SOUZA, Elaine de Jesus, SILVA, Joilson Pereira, SANTOS, Claudiene. Homofobia na Escola: As Representações de Educadores/as. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 23, n. 03, p. 635-647. Set. 2015.

SWAIN, Tania Navarro. “Para além do binário: os queers e o heterogêneo”. Gênero, Niterói, v. 2, n. 1, p. 98-87, set. 2001.

SWAIN, Tania Navarro. “Para além do binário: os queers e o heterogêneo”. Gênero, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

TORRES, Ana Raquel Rosas, FALCÃO, Luciene Campos. Representações sociais sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo. In Anais da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais (pp. 1650-1654). João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba. 2005

ZAULI-FELLOWS, Amanda, TORRES, Cláudio Vaz, Galinkin, Ana Lúcia. “Câmara dos Deputados: democracia e igualdade de oportunidades entre mulheres e homens?”-Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 49-64, Jul. 2012.

ZAMBRANO, Elizabeth. “Parentalidades “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.12, n. 126, p. 123-147. Dez. 2006.